

CLIPPING

01 de Agosto de 2018
O Liberal – Magazine, 01

Prédios guardam a memória

ENIZE VIDIGAL
Da Redação

Uma das maiores joias do patrimônio histórico de Belém, o Palacete Bolonha, datado de 1905, recebeu a última restauração no ano de 2003. O tempo impõe danos à fachada imponente, sobretudo aos janelões e portas de madeira que ostentam em vidro o monograma do engenheiro Francisco Bolonha - que construiu e residiu ali com a esposa, Alice Tem Brink Bolonha -, assim como aos adornos com motivos florais, as telhas de ardósia e as flandres (esculturas de metal como carrancas e pináculos) que decoram o telhado. Já no interior do prédio, algumas paredes estão descascadas e com infiltrações e é possível avistar deteriorações em paredes e tetos decorados em madeiras nobres e estuques (peças confeccionadas em gesso e areia com temas mitológicos). O presidente da Fundação Cultural de Belém (Fumbel), Fábio Atanásio, anuncia obras de restauro para novembro deste ano com recursos da prefeitura na ordem de R\$ 6 milhões. A professora Rose Norat, do Laboratório de Conservação, Restauração e Reabilitação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará

(UFPA), aponta a falta de uso do espaço como preponderante para a rápida deterioração do imóvel. O Palacete Bolonha é o primeiro prédio da série de reportagens “Palacetes de Belém” que o jornal **O Liberal** vai publicar, a cada semana, a partir de hoje.

“Ninguém esconde que precisa de restauração, mas não está desabando como dizem. A estrutura está sólida, tanto que as visitas foram mantidas”, conta o gestor. Em média, o Palacete Bolonha recebe visitantes duas a três vezes na semana, sendo a maioria de estudantes de engenharia e de turistas estrangeiros que demonstram fascínio com o lugar, conforme explica o arquiteto Jorge Pina, diretor do Departamento do Patrimônio Histórico da Fumbel, que acompanhou a visita da reportagem ao Palacete Bolonha, ontem. Fora a depredação natural do prédio secular, o elevador anexado ao prédio após a última reforma, está com defeito, o piso tomado de uma densa poeira negra entremeada a penas de pombo, punilha e teias de aranha, mostra que o lugar não passa por uma boa limpeza há algum tempo, e o piso de vidro do primeiro pavimento - uma inovação tecnológica para a época - oferece risco aos visi-

tantes, sem que haja qualquer isolamento do local, enquanto uma varanda foi transformada em depósito de aparelhos velhos de ar-condicionado.

“Depois que eu cheguei aqui a gente limpou duas vezes. Eu não tenho uma equipe para fazer isso permanente. Nós temos limitações no serviço público para fazer qualquer coisa. Falo como uma pessoa que está aqui há sete meses e não sei por quanto tempo mais eu vou demorar por aqui, estou externando a dificuldade que o gestor público tem hoje para fazer qualquer coisa”, diz Atanásio. O prédio da Fumbel, no Memorial dos Povos, no qual ele despacha, fica vizinho ao Palacete Bolonha. O projeto de restauração do Palacete Bolonha almeja instalar no local o “Museu Casa de Época”, que vai buscar os ambientes originais que sofreram adaptações em 2003, bem como a mobília original da época de Francisco Bolonha. Ainda, o local deve abrigar o “Memorial Francisco Bolonha”, um espaço destinado ao resgate da história do engenheiro que construiu o Mercado de Carne do Ver-o-Peso, entre outras obras importantes para a cidade, e que construiu o Palacete Bolonha para conven-

cer a esposa carioca a abandonar a cidade natal. O projeto da restauração de R\$ 280 mil já foi finalizado e pago.

O presidente da Fumbel atribui a demora no início da restauração à burocracia. Ele explica que o projeto de restauração do Bolonha é antigo, data de 2013, mas, ao longo de cinco anos, a Prefeitura de Belém ainda não conseguiu atender todas as exigências de ajustes ao projeto feitas pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). E, por conta da demora, não conta mais com a possibilidade de acessar o recurso de R\$ 1,8 milhão, do Minc, para aplicar na obra. Ele afirma que os recursos para a restauração já estão previstos no orçamento deste ano, mas o início da obra ainda depende do aval do Iphan. "Todas as etapas (da tramitação do projeto) foram cumpridas, mas surgiram exigências do Minc. Não desistimos ainda, mas vamos fazer com recurso próprio. O Iphan levantou uma série de questões que, no nosso entender, são exageradas", avalia. "Quanto mais tempo esperamos, mais as condições de restauração se aprofundam".

DESCRIÇÃO

Tombado como patrimônio histórico do estado do Pará e do município de Belém, o palacete foi um presente de Francisco Bolonha para a esposa que resistia em se mudar para o Pará, onde o engenheiro possuía negócios. Em cinco andares, o prédio mescla vários estilos arquitetônicos e decorativos, com destaque à "art nouveau",

conforme explica Jorge Pina. "A decoração chega ao exagero. São muitas peças".

Francisco decorou ricamente cada ambiente, ora com revestimentos de madeiras nobres e esculturas florais, ora com azulejos lisos e pintados, ladrilhos e delicados estuques, ambos com detalhes dourados; assim como peças de mármore carrara com leões esculpido da base da escada original que ligava a sala, no primeiro andar, ao segundo andar; além das grades da parte externa, calhas e escada caracol interligando os demais pavimentos, todos confeccionados em ferro fundido vindo da Inglaterra.

O prédio além de belo trazia a nova tecnologia da época, como instalação elétrica; o piso de vidro na varanda do primeiro andar para iluminar o térreo; a banheira de mármore com águas quente e fria na sala de banho do segundo andar; sem falar na beleza do mirante para a observação da paisagem e varanda voltada para a Baía do Guajará. O térreo do Palacete Bolonha, onde funcionava cozinha e ficavam os criados, com o tempo ganhou um balcão de recepção e vigilância e teve os outros ambientes transformados em depósitos de documentos da Fumbel. No primeiro andar, a reportagem é avisada sobre o risco de desabamento do piso de vidro enegrecido pela poeira e sobre o qual já estava pisando. O pavimento oferece duas salas vizinhas, sendo uma de almoçar e jantar e uma sala de piano. No segundo andar, os Sr e a Sra Bolonha contavam cada um com uma sala de ves-

tir decorada, ao lado da sala de banho. No terceiro andar, o quarto do casal, biblioteca e capela e banheiro. Já no sótão, um urubu se esconde com a chegada da reportagem. O lugar guarda peças de flandres desprendidas do telhado.

A arquiteta Rose Norat ressalta que o Palacete Bolonha é um prédio com rebuscamento arquitetônico e decorativo muito particular se comparado aos demais prédios pertencentes ao patrimônio histórico de Belém. "A ambiência não pode ser apartada dos demais imóveis da Vila Bolonha, é um primor, é único, não tem similaridade. Em alguns períodos, esteve em melhor e pior estado, mas vemos que hoje está crítico, embora a prefeitura e o Iphan tenham um projeto de restauração. O ideal é que não tivesse cessado o uso (do palacete). A destinação natural é a deterioração ser a mais rápida possível". Ela ressalta que, além da restauração, é preciso atribuir um "uso nobre" ao prédio, no qual não cabe o funcionamento de um ambiente administrativo, mas dentro de um complexo cultural integrado com a Vila Bolonha e o Memorial dos Povos. "A estrutura dele já é objeto de apreciação museológica. Não cabe um museu que vá expor grandes obras ali. O trânsito pesado (da Avenida Governador José Malcher) requer um olhar atento à estrutura do prédio (possíveis danos). O grande desafio do Palacete Bolonha é não mantê-lo isolado. Ele precisa de dinâmica, de vida".